

Semiótica discursiva aplicada a um post de transição capilar do Facebook

Discursive semiotics applied to a capillary transition Facebook status

Isaac Matheus Santos Batista, Marcelo Machado Martins,
Laura Susana Duque Arrazola

*semiótica discursiva,
ciberativismo, transição
capilar*

Muitas pessoas negras que lutam contra o racismo têm utilizado a internet como um meio para exercer sua cidadania e ativismo político. Um exemplo disso pode ser visto nos *posts* de transição capilar que são frutos da resistência dos negros contra o padrão de beleza hegemônico que privilegia o branco. Neste trabalho, analisamos como se dá a geração de sentido do discurso de um *post* do Facebook que mostra o resultado da transição capilar feita por uma pessoa negra. Por meio da semiótica discursiva, compreendemos que esse *post* de transição capilar apresenta uma valorização da negritude, ao dar um novo significado, agora positivo, às origens e aos traços físicos dos negros. Além disso, percebe-se que o discurso presente no ambiente virtual se impõe para o mundo material, pois o *post* também visa manipular os outros a valorizarem e aceitarem os traços diacríticos da raça negra.

*discursive semiotics,
cyberactivism, capillary
transition*

Many people of color who struggle against racism have used internet as a means to exercise their citizenship and political activism. One example of this is the capillary transition Facebook status and posts that are a result of the black resistance against the white standard of beauty. In this paper, we will analyze the generation of meaning of the discourse of a Facebook status that shows the results of a capillary transition made by a person of color. Using the discursive semiotics, we comprehended that this status presents a valuation of blackness, by giving a new meaning, this time positive, to the origins and to the phenotypes of the people of color. Furthermore, we noticed that the discourse on the virtual environment imposes itself out to the material world, because this status also aims to manipulate others to positively value and accept the diacritic features of the black race.

1 Introdução

No mundo globalizado, o espaço público da cidade já não é mais o único lugar de exercício da cidadania, pois é também no ciberespaço onde os sujeitos têm acesso a informações, expõem suas opiniões e participam dos processos de identificação e projeção com grupos sociais aos quais desejam pertencer. (Canclini, 2010).

As novas tecnologias da informação e comunicação têm permitido que as pessoas ligadas à movimentos sociais expressem suas reivindicações e façam protestos. Esse fenômeno é denominado de ciberativismo, e este tem consequências que extrapolam o mundo virtual, atingindo diversas conjunturas sociais. (Alcântara, 2015).

Nesse contexto, a internet tem permitido às pessoas negras lutar contra o padrão de beleza hegemônico que privilegia o branco e exercer práticas de resistências contra a desumanização e inferiorização de seus corpos através de *posts* feitos nas redes sociais virtuais nos quais apresentam os resultados de transição capilar, que consiste em deixar de alisar os fios cacheados ou crespos e assumir o cabelo natural (Matos, 2016a, Pires, Mocellin, 2016). Diante dessas constatações, visamos, nesta pesquisa, compreender os sentidos gerados através de um *post* no Facebook que mostra o resultado de transição capilar feito por uma pessoa negra.

1 O movimento da negritude é caracterizado por vários esforços de afirmação racial, valorização do negro e luta contra o racismo, os quais são empreendidos por agentes diversos que tem perspectivas, abordagens e preocupações diferentes em relação ao racismo e ao antirracismo. O termo negritude é plurifacetado e deve ser estudado à luz do contexto sócio-histórico em que é usado e apropriado. A expressão negritude possui “um caráter político, ideológico e cultural. No terreno político, negritude serve de subsídio para a ação do movimento negro organizado. No campo ideológico, negritude pode ser entendida como processo de aquisição de uma consciência racial. Já na esfera cultural, negritude é a tendência de valorização de toda manifestação cultural de matriz africana” (DOMINGUES, 2007: 1).

2 A luta contra o racismo através da valorização do corpo das pessoas negras

O movimento da negritude¹ possui uma história longa de luta e resistência contra o racismo, começando nos Estados Unidos e espalhando-se para o restante do mundo. Com períodos de maior e menor proeminência, esse movimento social de caráter múltiplo e perspectivas diversas foi se ajustando às várias mudanças sociais que iam ocorrendo com o passar do tempo, dinamizando suas lutas a favor dos negros e negras. (Domingues, 2007).

Hoje, essa dinamização se manifesta no modo como instituições e indivíduos do movimento da negritude utilizam o ciberespaço para disseminar suas ideias para as pessoas que, por sua vez, têm a possibilidade de interagir, modificar, dar consenso ou rejeitar a mensagem recebida. Assim, a internet é utilizada como uma ferramenta para promover um maior engajamento político e uma maior democratização da sociedade, pois ‘nivela de algum modo o terreno da manipulação simbólica e amplia as fontes de comunicação’ (RÜDIGER, 2013: 135).

Uma das ações desse movimento ocorre em prol da valorização do corpo das pessoas negras, o que se configura num ato de resistência contra a cultura racista que impõem aos negros um modelo de beleza que privilegia os traços da raça branca.

Antropólogos e geneticistas concordam que a raça não é um fator biológico inato, pois as pesquisas acerca dos genomas de diferentes populações mostram que não há distintas categorias de humanos. Na verdade, a raça é um discurso socialmente construído que apresenta uma concretude através de algumas características fenotípicas que diferenciam um grupo de pessoas de outro. A definição dos sinais diacríticos de um grupo de pessoas depende da presença de um outro grupo a quem se possa comparar. As

características da raça negra enquanto discurso foram construídas numa oposição às da branca, devido a exploração dos povos europeus sobre os povos africanos que por eles foram trazidos às Américas e escravizados. Tratados como mercadoria e força de trabalho comprada para usufruto vitalício, sua humanidade não era reconhecida e eles eram vistos como inferiores. Dentro desse contexto, foi imposto um ponto de vista que aos sinais diacríticos da raça negra dava uma conotação ruim e aos da raça branca, uma conotação boa; algo que até certo ponto tem persistido até os dias atuais. (Santos et al. 2012; Santos, Santos, 2016).

O pensamento eugenista, do período pós-abolição, era baseado numa pseudobiologia que considerava que a raça era um fator natural pelo qual se poderia classificar a espécie humana em categorias diversas a partir de características fenotípicas. Alguns escritores chegaram a dizer que as raças possuíam diferenças relacionadas também à personalidade e às aptidões intelectuais. Além disso, os eugenistas promoviam uma hierarquização e valorização dessas falsas categorias raciais que serviam de argumento para afirmarem que para a nação se fortalecer, precisaria controlar a reprodução das raças consideradas inaptas para que diminuíssem, enquanto as raças julgadas aptas mantivessem a supremacia. Sendo que na visão racista, a raça apta era a branca, e a negra era inferior. Essa ideologia se refletiu na estética corporal dos negros que passaram a manipular suas aparências, embranquecendo-as, através, por exemplo, do clareamento de pele e alisamento de cabelo, na esperança de se tornarem tão aptos quanto os brancos, pois a eugenia criava um sentimento de inferioridade e autodesprezo entre os negros e negras. (Santos, Santos, 2016; Davis, 2016).

Uma das táticas para valorizar o corpo negro e, assim, subverter a cultura que carrega resquícios da eugenia, é a transição capilar, que tem ganhado destaque no ciberespaço e que pode ser entendida como o processo em que pessoas que alisavam seus cabelos crespos ou cacheados interrompem o uso de produtos químicos alisadores e passam a utilizar o cabelo com sua textura natural. (Matos, 2016a; Pires, Mocellin, 2016).

Assumir o cabelo, assim como a cor da pele, o nariz e os lábios, tem sido um ato de orgulho das pessoas negras com relação à sua raça, origens e herança cultural, pois o cabelo é um dos traços fenotípicos que 'acionam categorias de classificação racial' (Matos, 2016a: 859).

Assim, pode-se entender o corpo como um meio de comunicação não verbal pelo qual as pessoas constroem suas identidades e expressam seus posicionamentos de gênero, classe, raça, etc. (Castilhos, 2004). Assumir os traços que os caracterizam como negros é uma forma dos indivíduos existirem como negros, contestando e transformando o significado negativo que o racismo implica ao termo, e assumindo e valorizando a identidade negra.

Esse processo de aceitação da identidade negra através da transição capilar não costuma ser fácil, pois envolve questões de

autoestima e riscos a correr, como o preconceito e a discriminação. Nesse contexto de aflições, dúvidas e redescoberta do corpo que a transição capilar proporciona, a internet se tornou um meio onde os sujeitos procuram informações, dividem experiências sobre a transição capilar, incentivam a prática da mesma e ensinam cuidados específicos e penteados para os cabelos cacheados e crespos, através de blogs, canais no Youtube, páginas e grupos no Facebook, além dos perfis próprios nas diversas redes sociais. Desse modo, eles criam uma rede de apoio mútuo onde dividem conhecimentos que não conseguem encontrar ampla e profundamente em outros locais. (Matos, 2016b).

Entre essas pessoas, tem-se falado acerca do ativismo de cabelo, que é uma forma de ‘usar o incômodo e a curiosidade que esses cabelos provocam para conversar sobre a aceitação da estética negra e o fim do racismo, exercendo uma militância política informada pelas lutas do movimento negro a partir de um referencial estético’ (Matos, 2016b: 17-18).

Dessa forma, percebe-se que as pessoas negras têm achado um espaço de fala, de resistência e de mobilização que se estabelece por meio da interação virtual na internet, mas que também permeia outros contextos da vida desses sujeitos, onde a estética corporal é um meio de questionar e subverter a estrutura social racista ao se valorizar os traços característicos da raça negra.

3 Metodologia

Esta pesquisa é pura, explicativa e qualitativa, pois pretende-se chegar a resultados teóricos que expliquem os sentidos da ocorrência do fenômeno, sem nos fixarmos sobre suas características numericamente mensuráveis. (Marconi, Lakatos, 2010).

Por pretendermos averiguar o significado que as pessoas dão às suas práticas, faremos uso da netnografia, que se refere à aplicação da etnografia para estudar as práticas sociais no ciberespaço, pois elas também são construídas e apreendidas através de significados compartilhados pelas pessoas que ali estabelecem relações. Há alguns passos necessários para a realização da análise netnográfica:

- (1) Entrée: formulação de questões de pesquisa e identificação da comunidade apropriada para o estudo. (2) Coleta de dados: copiar diretamente do computador as comunicações feitas pelos membros da comunidade online e fazer observações da comunidade e de seus membros e das interações e significados. (3) Análise e interpretação: classificar, codificar e contextualizar os atos comunicativos (KOZINETS, 2010 apud BOWLER JUNIOR, 2010: 1272, tradução nossa).

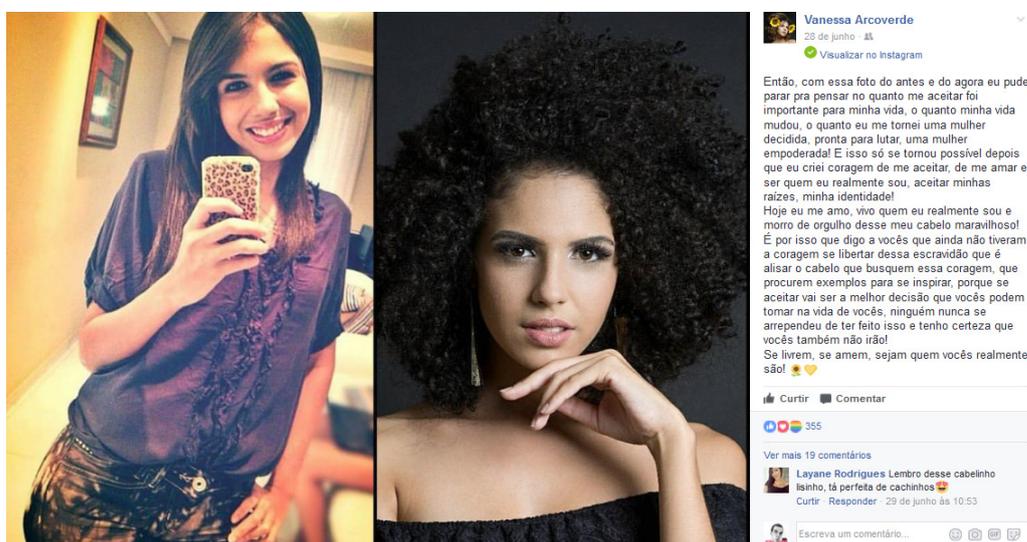
O *post* foi selecionado através de uma busca feita nos perfis do Facebook de algumas universitárias negras do município de Caruaru-PE. Como foram encontrados vários *posts*, selecionou-se um que possuía grande quantidade de interações e com boa qualidade

fotográfica, feito por uma modelo que foi eleita Miss da referida cidade, pois supusemos que ela poderia exercer influência mais ampla do que as garotas dos demais *posts*.

Além disso, para analisar o *post*, tomamos mão da semiótica discursiva (Fiorin, 2013; Greimas, Courtés, 1979), segundo a qual, há três níveis de análise a serem realizados que, em conjunto, formam o percurso gerativo de sentido, o qual começa nos aspectos mais abstratos até chegar aqueles mais concretos. Cada um dos níveis e seus respectivos aspectos sintáxicos e semânticos serão explicados e aplicados nas próximas subseções.

4 Análise semiótica do post de transição capilar

Figure 1 Post de transição capilar da usuária Vanessa Arcoverde (*Print Screen* do post usado com permissão).



4.1 Nível fundamental

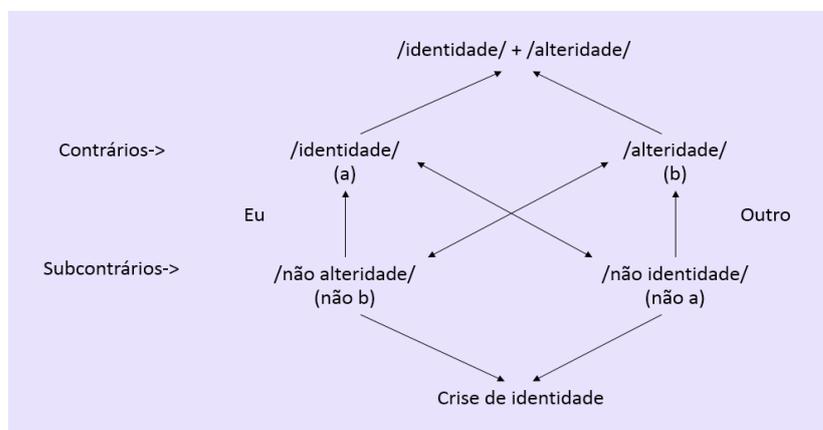
Na semântica do nível fundamental, abstrai-se ao máximo o texto para extrair dele as categorias semânticas mais profundas que engendram os sentidos, as quais devem ser analisadas dentro do quadrado semiótico. Cada um dos termos contrários recebe uma valoração eufórica ou disfórica, conforme a intencionalidade do texto. (Fiorin, 2013).

A sintaxe, por sua vez, engloba as operações de negação e asserção. “Na sucessividade de um texto, ocorrem essas duas operações, o que significa que, dada uma categoria tal que *a versus b*, podem aparecer as seguintes relações: (1) afirmação de *a*, negação de *a*, afirmação de *b*; (2) afirmação de *b*; negação de *b*, afirmação de *a*” (Fiorin, 2013: 23).

4.1.1 Semântica do nível fundamental

Identificamos que o objeto valor /identidade/ e o objeto valor /alteridade/ são contrários. A negação deles gerou os subcontrários /não alteridade/ e /não identidade/, que estão em contrariedade com os objetos valor que negam. A /identidade/ unida à /alteridade/ conduz à uma hibridização entre os dois objetos valor. A negação da /alteridade/ conduz à /identidade/ que faz o sujeito chegar ao “eu”. A negação da /identidade/ conduz à /alteridade/ que faz o sujeito atingir o “outro”. Quando há uma união dos dois subcontrários, / não alteridade/ e /não identidade/, então o sujeito atinge a “crise de identidade” (FIGURA 2).

Figure 2 Quadrado semiótico aplicado ao post (elaborado pelos autores).



Vemos que essa publicação apresenta três relações diferentes. Inicialmente, há uma relação entre a cultura racista e Vanessa Arcoverde. Para a cultura racista, o objeto de valor eufórico é a /alteridade/, enquanto que o objeto de valor disfórico é a /identidade/.

Há, também, a relação do movimento da negritude com a autora do *post*, na qual a /identidade/ é o objeto de valor eufórico e a /alteridade/ é o objeto de valor disfórico, segundo o movimento da negritude.

A terceira relação é aquela entre Vanessa Arcoverde e os observadores do *post*, onde, para ela, o objeto de valor eufórico é a /identidade/, e o objeto de valor disfórico é a /alteridade/.

4.1.2 Sintaxe do nível fundamental

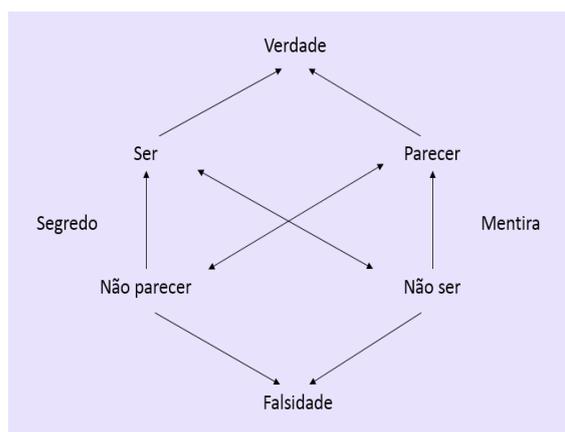
Dada a categoria /identidade/ (termo *a*) versus /alteridade/ (termo *b*), o *post* analisado apresenta a seguinte relação: afirmação da /identidade/, negação da /identidade/, afirmação da /alteridade/, negação da /alteridade/, afirmação da /identidade/.

4.2 Nível narrativo

Na sintaxe do nível narrativo, observa-se o percurso feito pelo sujeito para transformar-se de um estado inicial para outro estado. Essa transformação apresenta uma narratividade que se dá em quatro etapas que compõem o programa narrativo canônico (Fiorin, 2013):

1. Manipulação: um sujeito manipulador manipula o sujeito do fazer a querer ou dever fazer algo. Essa manipulação pode ocorrer de formas diversas, algumas delas são: tentação, quando se manipula o sujeito a querer fazer algo, oferecendo-lhe um objeto positivo; intimidação, quando se manipula o sujeito a dever fazer algo ao informar que caso ele não faça terá um objeto negativo; sedução, quando se manipula o sujeito a querer fazer algo, ao construir uma imagem positiva dele; provocação, quando se manipula o sujeito a dever fazer algo, ao construir uma imagem negativa dele.
2. Competência: o sujeito é dotado de um poder e/ou saber fazer aquilo a que foi manipulado.
3. Performance: o sujeito entra em conjunção ou disjunção com o objeto valor específico, cumprindo o objetivo da manipulação.
4. Sanção: na sanção cognitiva, há um reconhecimento de que o sujeito fez algo. É aí onde os simulacros são modificados ou consolidados, com base na relação de contradição entre ser e parecer (FIGURA 3). Na sanção pragmática, o reconhecimento toma forma de recompensas ou castigos.

Figure 3 Quadrado semiótico a partir dos contrários /ser/ e /parecer/ (BARROS, 1988 apud BALOGH, 2002).



Fiorin (2013) apresenta uma explicação simples e eficaz de como se dá a análise semântica do nível narrativo.

A semântica do nível narrativo ocupa-se dos valores inscritos nos objetos. Numa narrativa, aparecem dois tipos de objetos: objetos modais e objetos de valor. Os primeiros são o querer, o dever, o saber e o poder fazer, são aqueles cuja aquisição é necessária para realizar a performance principal. Os segundos são os objetos com que se entra em conjunção ou disjunção

na performance principal. [...] O valor do nível narrativo é o significado que tem um objeto concreto para o sujeito que entra em conjunção com ele (Fiorin, 2013: 36-37).

4.2.1 *Sintaxe do nível narrativo*

Inicialmente, o sujeito do fazer, Vanessa Arcoverde, está num estado de conjunção com o objeto valor /alteridade/, concretizado pelo cabelo alisado, entra em disjunção com ele e depois entra em conjunção com o objeto valor /identidade/, representado pelo cabelo cacheado. Isso indica que o sujeito já havia passado antes por uma narratividade que o colocou em conjunção com o objeto valor /alteridade/. Por outro lado, entende-se que o *post* sugere que os amigos do Facebook estão num estado de conjunção com o objeto valor /alteridade/ e que deveriam entrar em disjunção com este para poderem entrar em conjunção com o objeto valor /identidade/, assim como a autora do *post*.

4.2.1.1 Manipulação

No primeiro momento, o manipulador é a cultura racista que, nesse contexto, podemos apreender que tenta a mulher negra a entrar em conjunção com o objeto valor /alteridade/, para poder ser reconhecida como bela, bem-sucedida ou mesmo conseguir um parceiro.

Pode haver intimidação quando a cultura racista, para submeter a mulher negra a sua vontade, coloca-a sob o risco de sofrer discriminação e preconceito, como por meio das atitudes de ódio.

A sedução pode se manifestar, por exemplo, em muitos *slogans* de salões de beleza ou marcas de cosméticos que dizem algo como: “ressalte a beleza que existe em você”. Isso sugere que a mulher já é bonita (sugere uma imagem positiva do sujeito), mas que precisa cumprir determinada performance para ficar linda, atingindo a /alteridade/, pois, na cultura racista, a beleza é branca.

Presume-se que a provocação ocorre quando a cultura racista desafia a mulher negra, sugerindo que ela não entra em conjunção com a /alteridade/ porque não possui recursos ou bom-gosto suficientes para alisar seus cabelos.

Por outro lado, o manipulador também pode ser o movimento da negritude, que pode tentar a mulher negra ao sugerir que quando ela entrar em conjunção com o objeto valor /identidade/, ela será liberta, revelará suas raízes, encontrará seu verdadeiro eu, etc.

O movimento da negritude, supomos, a intimida ao insinuar que se não entrar em conjunção com o objeto valor /identidade/, ela perpetuará a opressão contra o negro.

O movimento da negritude seduz ao mostrar que a mulher deveria querer entrar em conjunção com o objeto valor /identidade/,

pois ela é um ser-humano valioso e por isso deveria enegrecer-se, assumir-se.

A provocação possivelmente acontece quando o movimento da negritude sugere que ela não entra em conjunção com a /identidade/ porque não possui conhecimento histórico acerca da opressão sofrida pelos seus antepassados ou está sendo alienada pela mídia que impõe o padrão de beleza europeu de forma generalizada.

Entretanto, nota-se que a relação que o sujeito do fazer tem com a cultura racista e com o movimento da negritude é de consenso, ou seja, ele se automanipula a fazer aquilo que foi proposto pelo sujeito manipulador. Desse modo, ele ora decide alisar o cabelo, ora prefere deixá-lo natural, exercendo uma liberdade de escolha sobre as táticas de manipulação do seu próprio corpo. Essa liberdade existe sob discursos dominantes de racismo e de resistência, mas não é uma fatalidade desses discursos que se encontram num nível superior, podendo, assim, ser exercida de modo a promover mudanças na ordem material e simbólica daquilo que foi planejado estrategicamente pelos sujeitos manipuladores do texto. (Certeau, 1998).

Ressaltamos que não é possível notar com certeza como se dão as diversas formas de manipulação operadas pela cultura racista e pelo movimento da negritude no material escolhido. Porém, talvez seja uma perspectiva de análise que possa ser útil para estudar as formas como se dão as estratégias de manipulação do racismo e dos discursos de resistência no ciberespaço ou mesmo em ambientes não virtuais.

Ainda, o sujeito manipulador é a própria Vanessa Arcoverde que, nesse *post*, acreditamos estar tentando seus seguidores, incitando-os a entrar em conjunção com o objeto valor /identidade/ por meio de seu exemplo de vida, que é uma promessa das recompensas que os outros terão caso também façam a transição capilar. Ela faz isso através do texto onde revela as mudanças em sua personalidade e ao apresentar um contraste entre a foto com cabelo liso e com cabelo crespo, a primeira sendo menos elaborada e a segunda, com maior esmero estético. Desse modo, ela parece prometer que se eles entrarem em conjunção com o objeto valor /identidade/, concretizado pelo cabelo crespo ou cacheado, ficarão como ela: bonitos e felizes com o próprio corpo, decididos, empoderados, livres.

A intimidação, no conteúdo selecionado, pode ocorrer ao ser sugerido que se os seguidores não entrarem em conjunção com o objeto valor /identidade/ ficarão como na primeira foto, oprimidos pela sociedade, com uma aparência comum e alheia.

A sedução ocorre na medida em que ela constrói uma imagem positiva dos seus seguidores, pois ela valoriza os cabelos crespo e cacheado, compreendidos como parte natural de seus corpos, numa tentativa de manipular os sujeitos do fazer a realizarem a transição capilar e assim entrarem em conjunção com o objeto valor /identidade/.

4.2.1.2 Competência

Para cumprir a performance proposta pela cultura racista, o sujeito do fazer (Vanessa Arcoverde, a autora do *post*) precisa de um poder e saber fazer que diz respeito ao acesso a cosméticos, aos equipamentos elétricos alisadores e ao conhecimento acerca do correto manuseio dos mesmos; ou então, ao dinheiro para pagar quem possui esse poder e saber fazer, como os cabeleireiros.

Para entrar em conjunção com o objeto valor /identidade/, o sujeito precisa de um poder fazer caracterizado pela paciência e coragem, como fica exposto nos conflitos que surgem durante a decisão pela realização da transição capilar; no tempo de espera para chegar a um cabelo completamente cacheado e volumoso, implícito no antes e depois; e no processo de auto aceitação que tudo isso implica. Embora não seja dito, sabe-se que as mulheres precisam fazer um BC (sigla para *Big Chop*, que em português seria traduzido como Grande Corte) que é o corte da parte alisada do cabelo para que fique apenas a área cacheada ou crespa.

Vanessa Arcoverde dota seus seguidores de um saber fazer, ao fazê-los tomar conhecimento de que para entrar em conjunção com a /identidade/ precisam parar de alisar seus cabelos. Ela lhes fornece o poder fazer caracterizado pela autoestima, pois manda-os ter coragem para iniciar e persistir até realizarem toda a performance, fazendo com que eles criem confiança em si próprios para que continuem lutando a favor da valorização do corpo negro.

4.2.1.3 Performance

Na primeira foto, a mulher estava em conjunção com o objeto valor /alteridade/, o que sugere que uma performance foi feita antes, pela qual ela entrou em disjunção com o objeto valor /identidade/ para então entrar em conjunção com o objeto valor /alteridade/, ao abandonar o cabelo cacheado e passar a alisá-lo conforme a manipulação feita pela cultura racista e a automanipulação feita por ela.

A primeira e a segunda fotos juntas mostram que a mulher negra, que antes estava em conjunção com o objeto valor /alteridade/, entrou em disjunção com esse valor e depois em conjunção com o objeto valor /identidade/ por meio da transição capilar.

Ainda não é possível perceber nenhuma performance por parte dos seus seguidores, pois supõe-se que esta será realizada posteriormente durante suas respectivas transições capilares.

4.2.1.4 Sanção

Após ser manipulada pela cultura racista, Vanessa Arcoverde, que no texto é o sujeito do fazer, escondia a textura natural dos seus cabelos, embora fosse negra; dessa forma ela era, mas não parecia, deixando

em segredo sua negritude. Por outro lado, seu cabelo parecia o cabelo liso, mas não era, o que caracteriza seu estado anterior também como uma mentira.

Após cumprir a performance para entrar em conjunção com o objeto valor /identidade/, Vanessa Arcoverde procura o reconhecimento através do post no Facebook, ao publicar uma foto de antes e depois para seus amigos a sancionarem. Essa sanção é cognitiva, na medida em que seus seguidores percebem que ela parou de alisar os cabelos e assumiu seus cachos, atingindo assim o objeto valor /identidade/; assim como é uma sanção pragmática, pois ela é recompensada com comentários que a elogiam e com um grande número de reações que demonstram que as pessoas curtiram e amaram sua foto.

Além disso, Vanessa Arcoverde sanciona a si própria, ao utilizar o post como um tipo de espelho, onde se vê e se admira, reconhecendo nela mesma que a performance foi feita e que agora ela entrou em conjunção com o objeto valor /identidade/, como fica demonstrado inclusive em sua fala, onde diz que a partir dessa foto ela pôde perceber como a transição capilar repercutiu na sua subjetividade, na sua autoimagem e no seu comportamento.

Diante disso, depois de cumprir a performance que o movimento da negritude a manipulou a fazer, a mulher negra, na modalidade veridictória do ser do ser, atinge a verdade, pois além de ser uma mulher negra, ela parece uma mulher negra, uma vez que assumiu diante dos outros e de si mesma seu cabelo cacheado, que é um dos traços que acionam a categoria racial negra.

Os seguidores só serão sancionados se fizeram a performance que foram manipulados a fazer.

4.2.2 *Semântica do nível narrativo*

4.2.2.1 *Objetos modais*

A cultura racista fornece um /querer ascender/ que exige um /dever se submeter/, uma vez que se submete ao padrão corporal branco numa tentativa de deixar o lugar de inferioridade. Por outro lado, concede-se um /saber se embranquecer/ e um /poder se embranquecer/ que se concretiza nos materiais e conhecimentos necessários para o alisamento do cabelo.

O movimento da negritude manipula Vanessa Arcoverde a querer se libertar/ e /dever resistir/, pois libertar o corpo do jugo do embranquecimento é apresentado como um compromisso daqueles que lutam pelo fim do racismo. Além disso, para que a performance ocorra é concedido um /saber se enegrecer/ e um /poder se enegrecer/.

Por último, Vanessa Arcoverde manipula seus seguidores a /querer se libertar/ e a /dever resistir/, pois deseja que eles tomem a mesma

atitude que ela tomou. Para que eles possam passar pela performance, ela concede um /saber se enegrecer/ e um /poder se enegrecer/.

4.2.2.2 Objetos de valor

Os objetos de valor nesse post são /identidade/ e /alteridade/, pois é com eles que Vanessa Arcoverde ora entra em conjunção, ora entra em disjunção, e os quais mobiliza para manipular seus seguidores.

4.3 Nível discursivo

Na sintaxe do nível discursivo, deve-se reificar a instauração de pessoa, espaço e tempo, ou seja, analisar se há marcas da enunciação no enunciado. Na semântica do nível discursivo, deve-se mostrar os temas presentes no texto, assim como as figuras que dão concretude aos elementos abstratos dos níveis mais profundos do texto.

4.3.1 *Sintaxe do nível discursivo*

Pessoa: Vanessa Arcoverde. Seu texto se configura como uma enunciação enunciada, pois seu olhar fixo sobre o observador e o seu nome de usuário são sinais de subjetividade que indicam quem fala. Sua pessoa também aparece quando ela usa os imperativos no texto, projetando-se para o outro ao lhe dar ordens: “busquem essa coragem”, “procurem exemplos para se inspirar”, “Se livrem, se amem, sejam que vocês realmente são! ”.

Lugar: Há duas marcas de enunciação referente ao lugar: a ambientação das fotos, a primeira remete à vida cotidiana e privada e a segunda é um estúdio fotográfico; e o espaço virtual do Facebook que é exposto ao público. Desse modo, percebe-se que há uma publicização ou espetacularização da vida privada e territorializada dessa pessoa na rede.

Tempo: Além da descrição do dia e mês em que o conteúdo foi publicado, o texto mostra que as duas fotos revelam um antes de depois, estando a primeira no passado a segunda no presente. Entretanto, ambas estão no passado em relação ao momento de publicação do post.

4.3.2 *Semântica do nível discursivo*

Há dois temas: o primeiro é a “libertação”, que ocorre por meio da transição capilar; o segundo é a “interatividade”, que é proporcionada pela relação dialógica que acontece no Facebook.

Com relação à figurativização, na parte superior direita do post, há a foto de perfil da usuária do Facebook ao lado do seu nome: Vanessa Arcoverde. Abaixo, a data em que o post foi publicado e uma imagem formada por dois bustos. Em baixo desses elementos, a legenda diz o seguinte:

Então, com essa foto do antes e do agora eu pude parar pra pensar no quanto me aceitar foi importante para minha vida, o quanto minha vida mudou, o quanto eu me tornei uma mulher decidida, pronta para lutar, uma mulher empoderada! E isso só se tornou possível depois que eu criei coragem de me aceitar, de me amar e ser quem eu realmente sou, aceitar minhas raízes, minha identidade! Hoje eu me amo, vivo quem eu realmente sou e morro de orgulho desse meu cabelo maravilhoso! É por isso que digo a vocês que ainda não tiveram a coragem se libertar dessa escravidão que é alisar o cabelo que busquem essa coragem, que procurem exemplos para se inspirar, porque se aceitar vai ser a melhor decisão que vocês podem tomar na vida de vocês, ninguém nunca se arrependeu de ter feito isso e tenho certeza que vocês também não irão! Se livrem, se amem, sejam quem vocês realmente são!

Ao fim do texto da legenda, há um ícone de um girassol e um símbolo de um coração amarelo.

Ao lado esquerdo do post, uma imagem possui uma barra preta que a divide em duas partes, cada qual contendo uma foto da usuária. Na primeira, vemos Vanessa Arcoverde, seu cabelo é liso, longo e penteado de lado. Seu rosto está sorridente. Sua camisa é roxa, possui mangas sino e babados na parte frontal, e está colocada por dentro de uma calça jeans com lavagem colorida. Na mão, ela segura um celular que posiciona em frente ao corpo e utiliza para tirar uma selfie. Ao fundo, uma ambientação com paredes claras, sofá, cadeiras, quadro, e percebe-se a presença de alguém que utiliza um notebook, entretanto a imagem dessa outra pessoa foi embaçada. O enquadramento da imagem está inclinado para a direita. Foi aplicado um filtro fotográfico na imagem que lhe dá uma aparência mais amarelada.

Ao lado direito da imagem, há outra foto de Vanessa Arcoverde. O plano foca principalmente em seu busto. Ela olha diretamente para a câmera. Seu rosto tem uma maquiagem leve e é emoldurado pelo cabelo cacheado que possui um grande volume e comprimento que vai até aos ombros. Ela usa um par de longos brincos de metal prateado e uma roupa preta com decote ombro-a-ombro. Sua mão repousa sobre o queixo. O fundo é preto e liso. O enquadramento é horizontal. A foto tem iluminação clara e homogênea.

Ao lado da imagem, sob a legenda, há dois botões virtuais, “Curtir” e “Comentar”. Abaixo, há os três ícones principais das 355 reações que foram dadas à imagem, representados, respectivamente, por uma mão fechada com o polegar levantado; um coração; um círculo com as cores do arco-íris. Um texto, depois das reações, indica que há 19 comentários que podem ser lidos abaixo. Um dos comentários aparece, o qual contém a foto e o nome de usuário da pessoa que comentou. Abaixo do comentário, há botões que permitem curtir ou responder e a data e hora em que o comentário foi feito. Na parte inferior direita, há um espaço para criar um comentário com texto, emojis, imagens ou vídeos, gifs ou figurinhas.

5 Considerações finais

Através dessa pesquisa, percebe-se que os atos de resistência das pessoas negras contra o racismo se manifestam também no mundo cibernético, através dos posts nas redes sociais, onde os resultados das transições capilares feitas por pessoas negras em suas vidas privadas se tornam atos públicos de afirmação racial e valorização dos traços diacríticos da raça negra.

É no ciberespaço onde os sujeitos expõem eloquentemente o percurso pelo qual passaram para se libertarem do padrão de beleza que privilegia o branco. Esse percurso inicia num passado onde se era livre. Porém essa liberdade é roubada pelo racismo que subjuga o negro à inferiorização, fazendo com que ele sinta a necessidade de se embranquecer. Para que o racismo seja derrotado, o negro se enegrece e retorna ao seu estado inicial, mas agora com um significado positivo.

Nota-se, então, que a transição capilar, apesar de ser um movimento de avanço no tempo, também simboliza uma volta a um estado anterior àquele a que se chegou por causa da manipulação feita pela cultura racista que impunha à mulher negra que alisasse seus cabelos.

Essa volta a um estado anterior talvez se relacione a um regresso imaginário ao período antecedente à escravidão e às consequências que ela trouxe para os negros. Uma volta às origens africanas e à um corpo anterior ao racismo – uma estética corporal sem as marcas embranquecedoras do racismo – ambos ressemantizados agora como eufóricos, bons e valiosos. Um passado e corpo idealizados, cuja romantização já é um ato de subversão, visto que a história, a sociedade e suas instituições insistem em invisibilizar e apagar o negro, e, quando o visibilizam, muitas vezes o associam apenas ao período da escravidão ou a estereótipos e significados preconceituosos. Acreditamos que essa narrativa é construída na transição capilar pois a superação do modelo de cabelo liso, instituído como desejável, demanda a superação do estigma do cabelo crespo e cacheado, associado à inferioridade.

Além disso, a internet se mostrou um meio não apenas de troca de experiências, mas também de manipulação do outro. Há um desejo de influenciar as demais pessoas a assumirem seus cabelos cacheados ou crespos. O ciberativismo, assim, pressiona seus discursos para fora do ambiente virtual, atingindo outras áreas da realidade.

Os seguidores do Facebook não são meros observadores passivos, sua interação com o post ajuda a dar sentido ao discurso, pois, ao recompensarem Vanessa Arcoverde com curtidas e reações positivas, auxiliam a tornar o enegrecimento algo percebido como bom.

Dessa forma, há uma certa democratização do acesso e da manipulação das ideologias do movimento da negritude, uma vez que as ações de ativismo contra o racismo não precisam estar institucionalizadas através de ONGs ou associações, mas se espalham entre diversos agentes que exercem poder mesmo que de forma

desnivelada. Na própria vida cotidiana, publicizada na rede, a autora do post fez um posicionamento de raça, expressando assim pertencimento a esse grupo social, ou seja, ela exerceu sua cidadania.

Referências

- ALCÂNTARA, Lívia. 2015. *Ciberativismo e movimentos sociais: mapeando discussões*. Aurora, São Paulo, v. 8, n. 23, jun.-set.: 73-97.
- BALOGH, Anna Maria. 2002. *O discurso ficcional na TV: sedução e sonho em doses homeopáticas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- BOWLER JUNIOR, Gary M. 2010. *Netnography: a method specifically designed to study cultures and communities online*. *The Qualitative Report*, 13, v. 15, n. 5.
- CANCLINI, Néstor. 2010. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- CASTILHO, Kathia. 2004. *Do corpo presente à ausência do corpo: moda e marketing*. Tese de doutorado em Comunicação e Semiótica - Signo e Significação nas Mídias. PUC-SP, São Paulo.
- CERTEAU, Michel de. 1998. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Editora Vozes.
- DAVIS, Angela. 2016. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo.
- DOMINGUES, Petrônio. 2005. *Movimento da negritude: uma breve reconstrução histórica*. *Mediações*, Londrina, v. 10, n. 1, jan.-jun.: 25-40.
- FIORIN, José. 2013. *Elementos de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto.
- GREIMAS, Algirdas; COURTÉS, Joseph. 1979. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Editora Cultrix.
- MARCONI, Marina. LAKATOS, Eva. 2010. *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Atlas.
- MATOS, Lídia. 2016a. *Transição capilar como movimento estético e político*. In: Anais do I Seminário Nacional de Sociologia da UFS, Sergipe.
- MATOS, Lídia. 2016b. *“Não é só cabelo, é também identidade”: transição capilar, luta política e construções de sentido em torno do cabelo afro*. In: Anais da 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, João Pessoa.
- PIRES, Karen; MOCELLIN, Maria. 2016. *Manipulando cabelos e identidades: um estudo com mulheres negras em Santa Maria-RS*. *Revista África e Africanidades*, ano 9, n. 2, jan.-abr.
- RÜDIGER, Francisco. 2013. *As teorias da cibercultura: perspectivas, questões e autores*. Porto Alegre: Editora Sulina.
- SANTOS, Ana Paula dos; SANTOS, Marinês. 2016. *Eugenia no Brasil: os discursos sobre gênero, raça e nação e o branqueamento estético*. Anais da XI Jornada Latino-Americana de Estudos Sociais da Ciência e da Tecnologia, Curitiba.
- SANTOS, Diego et al. *Raça versus etnia: diferenciar para melhor aplicar*. *Dental Press J Orthod*, vol. 15, n. 3, p. 121-124, mai./jun. 2010.

Sobre os autores

Isaac Matheus Santos Batista

<isaacmsbatista@gmail.com>

Programa de Pós-Graduação em Consumo, Cotidiano e
Desenvolvimento Social

Universidade Federal Rural de Pernambuco

Sede

Dois Irmãos, Recife, PE, Brasil – CEP 52171-900

Marcelo Machado Martins

<machadomartins@yahoo.com.br>

Programa de Pós-Graduação em Consumo, Cotidiano e
Desenvolvimento Social

Universidade Federal Rural de Pernambuco

Sede

Dois Irmãos, Recife, PE, Brasil – CEP 52171-900

Laura Susana Duque Arrazola,

<lssduquearrazola@gmail.com>

Programa de Pós-Graduação em Consumo, Cotidiano e
Desenvolvimento Social

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Brasil

Sede

Dois Irmãos, Recife, PE, Brasil – CEP 52171-900

Artigo recebido em 26/10/2017

Artigo aceito em 26/10/2017